



A secularização no pensamento de Gianni Vattimo

Renato Kirchner¹

Ana Carolina Ferreira Sales²

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar a concepção de secularização a partir da filosofia de Gianni Vattimo, destacando a relação desse conceito com a religião abordada pelo autor em algumas de suas obras. Vattimo procurou fundamentar e explicitar o conceito de secularização no âmbito da mensagem revelada pelo cristianismo, mas especificamente pelo conceito de *kénosis*. De fato, Vattimo apresenta-nos uma visão crítica sobre a influência da religião na sociedade moderna a partir da discussão sobre a concepção de secularização. Segundo o filósofo, a modernidade e a secularização são processos inevitáveis, especificamente, na caracterização pelo valor do novo. A chave fundamental da leitura de Vattimo está relacionada à interpretação tanto na história da salvação como da história da interpretação. Para cumprir os propósitos assumidos, serão desenvolvidos dois tópicos: a) Religião, modernidade e secularização e b) A secularização e o esvaziamento de Deus.

Palavras-chave: secularização; Modernidade; religião; *kénosis*; Vattimo.

Secularization in Gianni Vattimo's thought

Abstract: The main aim of this article is to present the concept of secularization from the perspective of Gianni Vattimo's philosophy, highlighting the relationship between this concept and religion, which he addresses in some of his works. Vattimo sought to ground and explain the concept of secularization in the context of the message revealed by Christianity, but specifically through the concept of kenosis. In fact, Vattimo presents us with a critical view of the influence of religion in modern society based on a discussion of the concept of secularization. According to the philosopher, modernity and secularization are inevitable processes, specifically in the characterization of the value of the new. The fundamental key to reading Vattimo is related to interpretation, both in the history of salvation and in the history of interpretation. In order to meet the objectives, two topics will be developed: (a) Religion, modernity and secularization and (b) Secularization and the emptying of God.

Keywords: secularization; Modernity; religion; kenosis; Vattimo.

La secularización en el pensamiento de Gianni Vattimo

Resumen: El objetivo principal de este artículo es presentar el concepto de secularización desde la perspectiva de la filosofía de Gianni Vattimo, destacando la relación entre este concepto y la religión, que aborda en algunas de sus obras. Vattimo trató de fundamentar y explicar el concepto de secularización en el contexto del mensaje revelado por el cristianismo, concretamente a través del concepto de *kénosis*. De hecho, Vattimo nos presenta una visión crítica de la influencia de la religión en la sociedad moderna a partir de la discusión del concepto de secularización. Según el filósofo, modernidad y secularización son procesos inevitables, concretamente en la caracterización del valor de lo nuevo. La clave fundamental de la lectura de Vattimo está relacionada con la interpretación, tanto en la historia de la salvación como en la historia de la interpretación. Para cumplir los objetivos, se desarrollarán dos temas: a) Religión, modernidad y secularización y b) Secularización y vaciamiento de Dios.

Palabras clave: secularización; Modernidad; religión; kenosis; Vattimo.

¹ Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diretor da Faculdade de Filosofia e professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

² Mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista da CAPES. E-mail: anacarinallas598@gmail.com.

1 Introdução

Gianni Vattimo foi um filósofo e político nascido em 1936, na cidade de Turim, graduou-se em filosofia e, poucos anos depois, tornou-se professor universitário. Trata-se de um grande estudioso do pensamento e das obras de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Martin Heidegger (1889-1976), tendo dedicado grande parte de sua vida à reflexão e escrita de muitos livros, sobretudo, sobre hermenêutica e elaborando sua filosofia a partir da ideia de enfraquecimento do ser.

Este artigo tem como objetivo principal compreender de forma introdutória a concepção de secularização a partir da filosofia de Gianni Vattimo, destacando a relação desse conceito com a religião abordada pelo autor em algumas de suas obras. Especificamente, na análise aqui proposta, usaremos alguns capítulos dos livros *O fim da modernidade* e *Depois da cristandade* para, assim, fundamentar e explicitar o conceito de secularização compreendido pelo autor no âmbito da mensagem revelada pelo cristianismo, mas especificamente pelo conceito de *kénosis*, tão próprio e peculiar ao pensamento vattiminiano.

De fato, como veremos, Vattimo apresenta-nos uma visão crítica sobre a influência da religião na sociedade moderna a partir da discussão sobre a concepção de secularização. Segundo o filósofo, a modernidade e a secularização são processos inevitáveis, especificamente, na caracterização do valor do novo. Cabe destacar ainda que a chave fundamental da leitura de Vattimo é a interpretação tanto na história da salvação como na história da interpretação.

1 Religião, modernidade e secularização

Partindo do livro *O fim da modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, que é composto de dez capítulos divididos em três seções, tomaremos aqui o capítulo VI, intitulado “A estrutura das revoluções artísticas”, a fim de compreender a relação da secularização com a modernidade. Introduzindo uma definição de modernidade, que, segundo Vattimo, já está presente em alguns autores como Max Weber (1864-1920), Arnold Gehlen (1904-1976), Hans Blumenberg (1920-1996) e Reinhart Koselleck (1923-2006), mas de forma diferente da sua formulação, Vattimo considera que:

Essa definição diz: a modernidade é a época para a qual ser moderno se torna um valor, ou melhor, o valor fundamental, a que todos os demais são referidos. Essa fórmula pode ser corroborada mostrando-se que coincide com a outra e mais difundida definição do moderno em termos de secularização. Secularização, como moderno, é ao mesmo tempo um termo que descreve o que aconteceu em certa época e que é assumido como seu caráter, e o “valor” que domina e guia a consciência da época em questão, sobretudo como fé no progresso (que é, ao mesmo tempo, uma fé secularizada e uma fé na secularização). Mas, precisamente, a fé no progresso, entendida como fé no processo histórico cada vez mais despojada de referências providenciais e meta-históricas, se identifica pura e simplesmente com a fé no valor do novo. Contra esse pano de fundo, em primeiro lugar, deve-se ver a ênfase do conceito de gênio e, depois, a centralidade que a arte e o artista assumem na cultura moderna (Vattimo, 1996, p. 97).

Nesta passagem, mais importante que apenas reparar que modernidade – além de remeter para determinada epocalidade do ser – Vattimo destaca o traço fundamental que caracteriza o “ser moderno”, a saber, valor como “o valor fundamental, a que todos os demais são referidos”. Assim, evidenciando a relação da secularização com o progresso, Vattimo expõe a compreensão de fé no progresso como sendo um valor do novo.

Adiante, no mesmo capítulo, o filósofo italiano apresenta uma conexão entre modernidade, valor do novo e secularização. Dividindo sua explicação em três aspectos, o autor afirma:

(a) a modernidade se caracteriza como a época de *Diesseitigkeit*, do abandono da visão sacra da existência e da afirmação de esferas de valor profanas, isto é, em suma, da secularização; (b) o ponto chave da secularização, no plano conceptual, é a fé no progresso (ou a ideologia do progresso), que se constitui mediante uma retomada da visão hebraico-cristã da história, da qual se eliminam “progressivamente” todos os aspectos e referências transcendentais; já que, precisamente para escapar do risco de teorizar o fim da história (que é um risco, quando não se crê numa outra vida, no sentido pregado pelo cristianismo), o progresso se caracteriza cada vez mais como um valor em si; o progresso é progresso quando caminha na direção de um estado de coisas em que um progresso ulterior é possível, e nada mais; (c) essa extrema secularização da visão providencialista da história equivale simplesmente a afirmar o novo como valor, e como valor fundamental (Vattimo, 1996, p. 98-99).

A divisão proposta por Vattimo nos ajuda a compreender primeiro o processo da modernidade enquanto abandono da concepção sacra, segundo a característica central da secularização: a fé no progresso que exerce valoração em si mesma, ou seja, para o filósofo, a secularização é parte do enfraquecimento da metafísica, sobretudo, com o anúncio da sentença da “morte de Deus” realizada por Nietzsche, pois a construção socrática-platônica e judaico-cristã do Deus como centro do mundo perde sua força e, portanto, sua crença, isto é, a fé na promessa do “paraíso”, somente alcançável após a morte, torna-se fé no progresso científico.

Nesse mesmo contexto, citando e comentando o ensaio de Arnold Gehlen, intitulado *A secularização do progresso (Die Säkularisierung des Fortschritts)*, escrito no ano de 1967, Vattimo ressalta que a novidade deixa de ser inédita, ou seja, deixa de ser nova diante da procura pelo novo no progresso, pois ele se rotinizou e tornou-se uma fatalidade. Exemplos dessa rotina são tanto a técnica, a ciência e a indústria, onde o novo se caracteriza simplesmente pela sobrevivência delas, bem como na economia em que somente se pensa em taxas. Numa determinada passagem, Vattimo escreve:

A transformação do progresso em rotina, nesses campos, segundo Gehlen, descarrega todo o patos do novo no outro âmbito, o das artes e da literatura. Aqui, contudo, de um modo e por razões que Gehlen não parece esclarecer a fundo no texto citado, o valor do novo e o patos do desenvolvimento sofrem uma secularização ainda mais radical do que a que aconteceu na passagem da fé na história da redenção à ideologia profana do progresso. Por diferentes motivos, seja na “rotinização” do progresso científico-tecnológico-industrial, seja no deslocamento do patos do novo para o território das artes, tem-se uma verdadeira dissolução do próprio progresso. De um lado, a dissolução está ligada ao próprio processo de secularização; de fato, escreve Gehlen, a secularização “consiste em geral em que as leis próprias, específicas do mundo novo, sufocam a fé, ou, melhor, não tanto a fé, quanto a sua certeza triunfalista (*die siegesbeglückte Gewissheit*). Ao mesmo tempo, o projeto global, seguindo um impulso objetivo das coisas, se desdobra (*fächert auf*) em processos divergentes, que desenvolvem cada vez mais a sua legalidade interna, e, lentamente, o grande progresso, já que entrementes se quer continuar a acreditar nele, se desloca para a periferia dos fatos e das consciências e aí se esvazia” (Vattimo, 1996, p. 100-101).

Assim, segundo Vattimo, a secularização em si tende para a dissolução da concepção de progresso, especificamente no processo do *patos* da novidade que abandona o valor. Analisando a fundo esse processo, o autor dedica-se ao entendimento da essência que caracteriza o moderno, pois: “A definição da modernidade como a época em que o ser moderno é o valor base não é uma definição que a modernidade possa dar de si mesma” (Vattimo, 1996, p. 102). Portanto, segundo Vattimo, a essência daquilo que podemos chamar de modernidade “só se toma verdadeiramente visível a partir do momento em que, em algum sentido que deve ser esclarecido, o mecanismo da modernidade se distancia de nós” (Vattimo, 1996, p. 102).

Parece-nos pertinente e oportuno destacar que, segundo Vattimo, a secularização é a passagem para a hermenêutica e o enfraquecimento do ser, compreendendo-a implicada na relação entre religião e modernidade. Dessa maneira, no âmbito da filosofia, se a secularização for examinada a partir da hermenêutica como superação da metafísica, tendo como base o pensamento de Nietzsche e Heidegger, então pode exercer o declínio da

fundamentação e designar-se secularizada, sendo meio de investigação das evidências do ser não determinando a procura pela verdade última e absoluta.

Visto nessa perspectiva, a secularização – se analisada a partir do pensamento de Gianni Vattimo – perpassou o mito do progresso e as crises tanto da metafísica como da compreensão de história linear. Essa última, Vattimo explica-a a partir da ligação entre o Ocidente, secularização e cristianismo, sem esquecer do advento da modernidade, pois, segundo ele, o Ocidente declina “porque declinar constitui a sua vocação histórica” (Vattimo, 1999a, p. 48), ou seja, a história da secularização é a única que o Ocidente pode conceber e com a qual há de viver e conviver.

Em seu livro *Depois da cristandade*, Vattimo fundamenta essa compreensão da herança cristã que influencia e faz nascer a modernidade que posteriormente influencia diretamente no brotar do Ocidente e da secularização. A partir da teoria e análise de Max Weber sobre a ética protestante e o capitalismo, o filósofo considera que podemos pensar além dela quando se trata de compreender o processo da secularização na modernidade:

Certamente a fundamental relação de continuidade da civilização ocidental com a mensagem judaico-cristã é geralmente reconhecida. Trata-se, contudo, de radicalizarmos o alcance deste reconhecimento. Antes de mais nada – e aqui pode ser apenas um simples aceno – aprofundando o peso constitutivo, e *positivamente* constitutivo, que tem o cristianismo no nascimento da civilização ocidental moderna – na direção aberta por Weber com os seus estudos sobre a ética protestante e o capitalismo –, mas indo ainda bem além deste aspecto específico. O problema é que é necessário vermos os vários processos de secularização ocorridos na modernidade não – à maneira de Hans Blumenberg, por exemplo, e em boa parte da historiografia de inspiração iluminista, mas também católica (Del Noce) – como processos de distanciamento da matriz religiosa, e sim como processos de interpretação, aplicação, especificação enriquecedora, daquela matriz (Vattimo, 2004, p. 84).

Nesse contexto do livro *Depois da cristandade*, Vattimo cita o filósofo Martin Heidegger para exemplificar um processo de secularização da mensagem do cristianismo denominada por ele de “positiva” e denominada por Heidegger de “fim da metafísica na ciência”, essa que representa o caminho para a diferença entre ser e ente. Para o filósofo de Turim, a partir da travessia aberta por Weber, mesmo reconhecendo a dificuldade que ali se coloca, pode-se discorrer sobre como a mensagem cristã influenciou a ciência moderna. Segundo as palavras de Vattimo:

Podemos, contudo, facilmente evocar a maneira weberiana a importância do monoteísmo para o desenvolvimento de uma visão científica do mundo, mas também de ideias como aquela da tarefa, que segundo a Escritura Deus confiou ao homem, de dominar a terra. É mais fácil ainda, ao contrário, mostrarmos que o êxito do processo – a dissolução da metafísica da presença e a redução do objeto em poder

do sujeito – tem globalmente o significado de liberar o campo para o reconhecimento do caráter de anúncio e interpretação que é constitutivo de qualquer verdade, até mesmo da verdade das ciências duras, experimentais.

A consciência cada vez mais aguda da historicidade do paradigma científico coloca a epistemologia contemporânea em condições de reconhecer que mesmo a ciência da natureza é problema da história da interpretação e da história da salvação: não existe verdade fora de um horizonte aberto por um anúncio, por uma palavra transmitida. Não se pode opor à palavra transmitida a verdade dos objetos que se dão em presença (a distinção clássica entre ciências da natureza e ciências do espírito, entre explicações e compreensões), visto que até mesmo este dar-se é tornado possível graças a uma abertura que é a linguagem e, portanto, palavra transmitida e propaganda, proveniência (Vattimo, 2004, p. 85).

Em *Depois da cristandade*, chegando ao final do capítulo “História da salvação, história da interpretação”, Vattimo ressalta que a ontologia hermenêutica e o fim da metafísica da presença são os passos que dão significado para a vírgula que separa o título do capítulo, e que ambas, sendo consequência da ciência moderna, são fruto da presença e ação da mensagem cristã no percurso da civilização ocidental. Para tanto, o filósofo acrescenta o termo secularização não como embate à mensagem cristã e sim secularização enquanto “aspecto constitutivo: como evento salvífico e hermenêutico, a encarnação de Jesus (a *kénosis*, o rebaixamento de Deus) é ela mesma, acima de tudo, um fato arquetipo de secularização” (2004, p. 86).

Neste contexto, podemos ler ainda de Vattimo:

Todavia, uma vez entendida assim, a conexão entre história da salvação e história da interpretação não configurou a salvação e a interpretação como puros processos de derivação, nos quais – como na relação entre a interpretação “produtiva” e o texto – não parece haver mais limites, critérios de validade e, portanto, riscos de escatologia e nem, finalmente, espaços para a liberdade e a responsabilidade? Na verdade, é até por demais óbvio que, uma vez liquidada a metafísica da presença, a interpretação “boa”, válida, não mais poderá, absolutamente, se configurar como aquela que toma “fielmente” (literalmente, objetivamente etc.) o texto (Vattimo, 2004, p. 86).

Fica por demais evidente, ao final desta citação, que entre “história da salvação” e “história da interpretação” há uma relação também nova se quisermos compreender a secularização como um advento próprio e novo na modernidade, ou seja, talvez pudéssemos tomar a ideia da interpretação “produtiva” de todo e qualquer texto no sentido de interpretação “criativa e apropriativa”, onde tomar o texto apenas em sua literalidade já não mais atende ou satisfaz uma nova e possível hermenêutica do rebaixamento, do esvaziamento ou da *kénosis* de Deus.

2 A secularização e o esvaziamento de Deus

Um dos conceitos centrais da relação entre a secularização e o esvaziamento de Deus, para Vattimo, é a *kénosis*, pois se caracteriza na obra do autor como elemento fundamental na mensagem cristã, sobretudo, por ela resultar no abandono da transcendência de Deus como sua própria inclusão voluntária na história. Segundo Vattimo, a *kénosis* fornece abertura para a diversidade e pluralidade de interpretações, uma vez que o esvaziar-se de Deus representa a superação da metafísica.

Para tanto, o filósofo compreende a secularização como enfraquecimento, pois é na *kénosis* que o entendimento daquele Deus poderoso e onipotente se enfraquece e esvazia, dando lugar para que a religião retorne na sociedade de forma diferente, melhor ainda, de forma renovada e sem seu aspecto violento. Sendo assim, para Vattimo, a secularização de forma positiva não pode ser compreendida pelos indivíduos como uma ameaça à sua fé, mas, pelo contrário, deve ser entendida a partir da essência da própria mensagem cristã. Cabe destacar que a secularização vista dessa forma, ou seja, como enfraquecimento, abre caminho para o retorno da religião, sendo esse retorno não inferior à razão da ciência.

Nesse sentido, Vattimo entende que sua compreensão de secularização se defronta com outras teologias da secularização no século XX, especificamente as que ignoram a perda do sagrado como as que enxergam somente a secularização como forma de autonomia dos indivíduos. Segundo o filósofo de Turim, a secularização é intrínseca à *kénosis* e, portanto, representa a aproximação de Deus do mundo, não poderoso e absoluto, mas humanizado e plenamente aberto à pluralidade.

Desse modo, influenciado pela filosofia nietzschiana, Vattimo analisa o processo da modernidade enquanto abandono da concepção sacra tradicional, resultando no processo de secularização a partir da *kénosis* de Cristo como enfraquecimento da metafísica e fim do Deus fundamento, abrindo espaço para o renascimento da religião cristã na pós-modernidade, ou seja, a religião que pode ser instaurada após a sentença “Deus está morto!”

Como é sabido, Nietzsche dedicou grande parte de sua vida à investigação e reflexão filosófica, escreveu diversas obras que impactaram a história da filosofia, em especial *A gaia ciência* (2001), sendo a primeira que marca a sentença “Deus está morto” e, também, *Assim falou Zaratustra* (2011), que desenvolve o conceito de além-do-homem (*Übermensch*), anunciado pelo profeta Zaratustra. Sentenciando “a morte de Deus”, Nietzsche desestabiliza

as bases metafísicas e morais da cultura ocidental, abrindo caminho para a construção do além-do-homem, este como superação do indivíduo.

Nesse sentido, Vattimo propõe-se a olhar de forma inovadora para o conceito de além-do-homem de Nietzsche, reinterpretando-o no contexto pós-moderno como abertura à pluralidade. Há que se considerar e entender, nessa perspectiva, o além-do-homem como prática da caridade, segundo a filosofia vattiminiana, analisando-a à luz da hermenêutica e da ética ao pensar na proposta de superação do humano apresentada pelo conceito nietzschiano. Para encerrar a compreensão desses aspectos, então, Vattimo introduz o termo secularização, como meio para o seu desenvolvimento, pois:

Reconhecido no seu “parentesco” com a mensagem bíblica da história da salvação e da encarnação de Deus, o enfraquecimento que a filosofia detecta como traço característico da história do ser se chama secularização, entendida no seu sentido mais amplo, que abrange todas as formas de dissolução do sacro que caracterizam o processo de civilização moderna. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento do ser, ou seja, a *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, da sua íntima vocação (Vattimo, 2004, p. 35).

A ideia de secularização é abordada aqui no processo de dissolução do sagrado como aspecto da civilização moderna, que se manifesta, segundo o autor, no enfraquecimento do ser. A relação que Vattimo estabelece desse enfraquecimento com a mensagem bíblica cristã da salvação e encarnação propõe uma familiaridade ou “parentesco” – segundo as palavras dele mesmo – entre a tradição religiosa com a filosofia.

Assim, o filósofo italiano compreende a secularização por outra perspectiva, não, porém, como afastamento ou abandono da religião, mas, ao inserir a expressão *kénosis* de Deus, direciona a reflexão na intenção da secularização enquanto prática da sua intrínseca e original vocação. Para tanto, Vattimo vê o fenômeno da secularização não como término da religião, mas sim dentro de um processo interno do cristianismo com sua transformação, portanto, é na humanidade e na fraqueza dos indivíduos que o elemento divino da religião pode se manifestar. Paradoxalmente, a autêntica vocação religiosa é realizável a partir do aspecto de “perda” do sagrado.

Vattimo considera o papel da filosofia nesse processo, pois somente a filosofia – colocando-se ela também nesse meio – servirá de análise e crítica dos fenômenos que dizem respeito à secularização, ao renascimento da religião e da sua essência para o encontro no enfraquecimento. Em resumo, o filósofo defende uma abordagem filosófica crítica que

perceba o fenômeno da secularização como parte do desenvolvimento do retorno da religião. É o que podemos ler nesta passagem de *Depois da cristandade*:

É em relação a esta vocação pra o enfraquecimento e para a secularização que uma filosofia coerentemente pós-metafísica deverá procurar entender e criticar, ainda, os vários fenômenos de retorno da religião na nossa cultura, com o efeito inevitável, porém, de pôr a si mesma também em jogo (Vattimo, 2004, p. 35).

3 Considerações Finais

Em suma, a secularização, para o filósofo Gianni Vattimo, com a fundamentação do pensamento de Nietzsche e Heidegger, exerce grande sentido como enfraquecimento, pois em suas obras o autor considera que houve a perda das categorias fortes que a metafísica clássica antes exercia, ou seja, o filósofo de Turim não compreende a secularização enquanto concepção negativa ao pensar na dissolução do sagrado, mas a secularização exerce no pensamento do autor concepções positivas, sobretudo na diluição do limiar entre sagrado e profano, sendo este o próprio destino da religiosidade no Ocidente, destacando a abertura para o diálogo da filosofia com a religião.

Desse modo, é possível compreender a secularização no pensamento de Vattimo com o seu conceito de “pensamento fraco”, pois é analisando tanto a crise das filosofias que se debruçam sobre o ser, como a própria crise da metafísica que o autor não apenas descreve, mas reflete de forma pertinente qual o destino dos indivíduos, apontando para um destino de libertação, portanto, a secularização ressalta a concepção heideggeriana e nietzschiana de fim da metafísica.

Por fim, é da história da salvação que nasce o enfraquecimento, principalmente o esvaziamento de Deus, portanto, é na *kénosis* que se dá a possibilidade para o retorno da religião, essa que deve se abrir para o diálogo com as múltiplas culturas existentes.

Referências

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VATTIMO, G. **Depois da cristandade**: Por um cristianismo não religioso. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.